

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

Reitor/President

Aloysio Bohnen

Vice-Reitor/Vice-President

Marcelo Fernandes de Aquino

HISTÓRIA UNISINOS

Revista Semestral do Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS

Journal História UNISINOS

A semestral journal of the Graduate School of History UNISINOS

Editor/Editor

Prof. Dr. Marcos Justo Tramontini

Comissão Editorial Executiva/Executive Editorial Committee

Prof. Dr. Marcos Justo Tramontini

Prof. Dr. Flávio Madureira Heinz

Prof^ª Dr^a Heloisa J. Reichel

Conselho Editorial/Editorial Board

Prof. Dr. Arthur Blásio Rambo

Prof^ª Dr^a Beatriz Vasconcelos Franzen

Prof^ª Dr^a Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos

Prof^ª Dr^a Ieda Gutfreind

Prof. Dr. Paulo Staudt Moreira

Prof. Dr. Werner Altmann

Conselho Consultivo/Consultative Council

Prof. Dr. Leopoldo Zea (UNAM – México – *in memoriam*)

Prof. Dr. Adalberto Santana (UNAM – México)

Prof^ª Dr^a Andrea Reguera (UNCPBA – Tandil, Argentina)

Prof. Dr. Bartomeu Melià (Academia Paraguaya de la Historia – CEPAG)

Prof. Dr. Hugo Eduardo Biagini (Univ. de Belgrano – Argentina)

Prof^ª Dr^a Maria Luiza Tucci Carneiro (USP)

Prof^ª Dr^a Maria Helena Rolim Capelato (USP)

Prof. Dr. Raul Fornet-Betancourt (Missio-Aachen)

Prof^ª Dr^a Sonia Mendonça (UFF)

Prof. Dr. René Ermaini Gertz (PUC-RS, UFRGS)

Revista Indexada

Université de la Sorbonne Nouvelle Paris III

Institut des Hautes Etudes de L'Amérique Latine

ABC – Clio Library – Santa Barbara, California, USA

História UNISINOS substitui, desde 2000, a Revista Estudos Leopoldenses – Série História, continuando a numeração desta.

Assinatura e permutas/Subscription and Exchange

Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação

Editoria de Periódicos Científicos e Acadêmicos

Fone: 51.590.3333 – ramal 3103

revista@helios.unisinos.br

Suário

Apresentaão

Maria Cristina Balm Martins

Dossiê América Colonial

Las Casas e Montalvo

giosa na América do

los Aires de 1520

Apresentaão

Luiz Otávio

Dois modelos de ensino

sobre o Guarani

Maria Cristina Balm Martins

Nas fronteiras do convívio

(séculos 16 e 17)

Elan Cristina Domingues

Sobre as práticas

Maria Cristina Balm Martins

Corpos mortificados

Antonio Dani Ramalho

A influência do fator

cultural na Ibero-América

Beatriz Helena Domingues / 147

HISTÓRIA UNISINOS

Revista do Programa de Pós-Graduação em História
da Universidade do Vale do Rio dos Sinos

H673 HISTÓRIA UNISINOS/Programa de Pós-Graduação em História,
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – v. 8, n. 9 – São
Leopoldo: Unisinos, 2004.

Semestral

Continuação de: Estudos Leopoldenses (1966-1996),
posteriormente Estudos Leopoldenses (Série História)
(1997-1999)

ISSN 1519-3861

1. História – Periódicos I. Programa de Pós-Graduação
em História – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

CDU: 93/99

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Bibliotecária/Librarian

Fabiane Pacheco Martino

Capa/Cover design

José Luís Ströher

Revisão/Text preparation

Luís Marcos Sander

Editoração eletrônica/Desktop publishing

Rafael Tarcísio Forneck

Impressão/Printing

Impressos Portão

Sumário

Apresentação

Maria Cristina Bohn Martins e Eliane Cristina Deckmann Fleck / 9

Dossiê América Colonial

Las Casas e Motolinía: em torno da discussão sobre a conquista religiosa na América do século XVI

José Alves de Freitas Neto e Anderson Roberti Reis / 11

A percepção e a representação do espaço nos primeiros documentos sobre a Argentina e o Brasil no século XVI

Franz Obermeier / 33

Dois modelos de discurso: sobre a eficácia do “reduzir” o Guarani e sobre o Guarani “reduzido”

Maria Cristina dos Santos / 63

Nas fronteiras do sensível: experiências de convívio intercultural (séculos 16 e 17)

Eliane Cristina Deckmann Fleck / 81

Sobre as práticas guaranis nas Reduções

Maria Cristina Bohn Martins / 107

Corpos mortificados

Antonio Dari Ramos / 129

A influência do fator religioso na constituição de uma identidade cultural na Ibero-América

Beatriz Helena Domingues / 147

Casamento e concubinato: uma análise dos significados das práticas matrimoniais na América portuguesa

Silvia Maria Jardim Brügger / 165

Sobreviventes: um estudo demográfico sobre a presença indígena nas uniões e casamentos da Freguesia Colonial de Santa Ana do Seridó, Rio Grande do Norte

Helder Alexandre Medeiros de Macedo / 189

Problemas fundamentales de la historiografía regional y local colonial cubana

Hernán Venegas Delgado / 221

Escravidão e questão nacional em Cuba: a ideologia pró-escravista entre 1790 e 1820

Rafael de Bivar Marquese / 233

El debate racial en Cuba: líneas regeneracionistas, 1880-1898

Yoel Cordoví Núñez / 263

Ocupantes y propietarios durante la expansión de la frontera en la Provincia de Buenos Aires, Argentina, 1780-1860

Guillermo Banzato e Marta Valencia / 279

Resenhas

Festa e identidade, de Cleodes Maria Piazza Júlio Ribeiro

Carla Cristina Pedrozo da Silva / 307

Instintos acadêmicos, de Marjorie Garber

Cláudio Pereira Elmir / 315

Contents

Presentation

Maria Cristina Bohn Martins and Eliane Cristina Deckmann Fleck / 9

Dossier: Colonial Latin America

Las Casas and Motolinía: On the Discussion about the Religious Conquest in 16th Century America

José Alves de Freitas Neto and Anderson Roberti Reis / 11

The Perception and Representation of Space in the First Documents on Argentina and Brazil in the 16th Century

Franz Obermeier / 33

Two Models of Discourse: On the Effectiveness of "Reducing" the Guarani and on the "Reduced" Guarani

Maria Cristina dos Santos / 63

On the Edges of the Sensitive: Experiences of Intercultural Encounter in the 16th and 17th Centuries

Eliane Cristina Deckmann Fleck / 81

On the Guarani Practices in the Reductions

Maria Cristina Bohn Martins / 107

Mortified Bodies

Antonio Dari Ramos / 129

The Influence of the Religious Factor in the Constitution of a Cultural Identity in Iberian America

Beatriz Helena Domingues / 147

Marriage and Concubinage: An Analysis of the Meanings of Marriage Practices in Portuguese America

Silvia Maria Jardim Brügger / 165

Survivors: A Demographic Study on the Indigenous Presence in Marriages in Santa Maria do Seridó, State of Rio Grande do Norte, in the Colonial Period

Helder Alexandre Medeiros de Macedo / 189

Basic Problems of Regional and Local Historiography of the Colonial Period in Cuba

Hernán Venegas Delgado / 221

Slavery and the National Issue in Cuba: The Pro-slavery Ideology Between 1790 and 1820

Rafael de Bivar Marquese / 233

The Racial Debate in Cuba: Regenerationist Currents, 1880-1898

Yoel Cordoví Núñez / 263

Occupiers and Owners during the Expansion of the Border in the Province of Buenos Aires, Argentina, 1780-1860

Guillermo Banzato and Marta Valencia / 279

Book Reviews

Festival and Identity, by Cleodes Maria Piazza Júlio Ribeiro

Carla Cristina Pedrozo da Silva / 307

Academic Instincts, by Marjorie Garber

Cláudio Pereira Elmir / 315

A percepção e a representação do espaço nos primeiros documentos sobre a Argentina e o Brasil no século XVI

Franz Obermeier*

Abstract

The article compares the perception of space in early documents about colonial Argentine, Paraguay and Brazil. Alvar Nuñez' *Comentarios* from 1555, Díaz de Guzman's *La Argentina* (written about 1612, published in the 19th century) and Ulrich Schmidel's German account about the region, *Wahrhaftige und liebliche Beschreibung* (in: Franck Weltbuch, 1567; Spanish translation as *Viaje al Río de la Plata*) are compared with contemporary 16th century Brazilian sources such as Fernão Cardim's *Tratados* (written after 1583), Magalhães de Gândavo's *Tratado e história da província Santa Cruz*, from 1576, and Soares de Sousa's *Notícia do Brasil* (written in 1587). Even if these

* Professor da Universidade de Kiel, Alemanha.

documents are references to the real perception of space, such as Indian migrations and European “entradas” or the difference between the coastal region and the hinterland in Brazilian documents, they construct a literarily transmitted “third space” (in the terms of Bhabha) that integrates the new countries in European mental maps.

Key words: Argentina, Paraguay, Brazil; Colonial period, 16th century, Space perception; Tupi-Guarani Indians; Migrations; Colonial South America, 16th century sources.

Resumo

O artigo coteja a percepção de espaço presente nos primeiros documentos sobre a Argentina, o Paraguai e o Brasil coloniais. As obras de Alvar Nuñez (*Comentários*, de 1555), de Díaz de Guzmán (*La Argentina*, escrita em 1612 e editada no século 19) e de Ulrich Schmidel (*Wahrhaftige und liebliche Beschreibung*, de 1567 – tradução espanhola como *Viaje al Río de la Plata*) são comparadas com fontes brasileiras contemporâneas do século 16, como as de Fernão Cardim (*Tratados*, escrita depois de 1583), de Magalhães de Gândavo (*Tratado e história da Província de Santa Cruz*, de 1576) e de Soares de Sousa (*Notícia do Brasil*, escrita em 1587). Mesmo que estes documentos sejam referenciais para a percepção real de espaço, p. ex. quanto a migrações de índios e “entradas” de europeus ou à diferença litoral-sertão em documentos brasileiros, eles constroem um “terceiro espaço”, literariamente transmitido (nos termos de Bhabha), que integra os novos países nos mapas mentais europeus.

Palavras-chave: Argentina, Paraguai, Brasil; Período colonial, século 16; Percepção de espaço; Indígenas tupi-guarani; Migrações; América do Sul colonial, fontes do século 16.

Os primeiros documentos históricos sobre a Argentina e o Brasil são bastante conhecidos como fontes de primeira ordem para a história de ambos os países. Os aspectos literários desses livros foram pouco analisados até agora, mas eles são, apesar disso, importantes para a compreensão desses textos na tradição da época. Nessa contribuição, quero ressaltar o ponto da percepção e representação do espaço comparando um pouco alguns textos escolhidos.

Nos documentos, temos só a representação dos autores e só podemos reconstruir a percepção dos autores nos baseando nos poucos documentos contemporâneos, mas esse problema metodológico vale para todos os documentos históricos; a análise pode pelo menos mostrar certas tendências, mesmo que falte ainda um trabalho mais amplo, comparando os documentos literários com documentos administrativos ou outras fontes do tempo, como cartas ou mapas.

A análise não versa tanto sobre o nível referencial dos textos, por exemplo que parte do país é descrita ou que elementos são ressaltados, mesmo que isso possa ser importante para uma documentação etnológica ou cultural da vida dos primeiros descobridores, mas sobre a função que essa percepção do espaço assume no texto. Vamos ver que, mesmo estando baseada na percepção real, a descrição do espaço nos textos se integra rapidamente num sistema epistemológico que, com a terminologia de Bhabha (2000), pode ser visto com um “terceiro espaço”.

Os livros sobre a conquista da Argentina e do Paraguai

Os mais importantes livros sobre a história argentina no século XVI são os *Comentários*, de Alvar Nuñez chamado Cabeza de Vaca, do soldado alemão Ulrich Schmidel (Schmidl), *Beschreibung*, e de Ruy Díaz de Guzmán, *La Argentina*. Os dois primeiros livros são, de resto, também importantes como documentos sobre o Brasil porque ambos os viajantes fizeram uma parte da sua viagem no Brasil. No caso de Alvar Nuñez, isso se deveu a circunstâncias exteriores: chegando com navios ao sul do Brasil, na re-

gião de Santa Catarina, ele não pôde prosseguir com todos os seus homens sua viagem para Assunção, onde fora nomeado “adelantado”. Mandou um navio através de Buenos Aires e do Paraná e fez ele mesmo o caminho a pé com um grupo de homens.

Alvar Nuñez foi um dos poucos sobreviventes da expedição de Pánfilo de Narváez na Flórida. Depois da derrota dessa expedição, viveu entre 1529 e 1536 entre os índios do Texas, livrando-se da ameaça de morte usando as crenças mágicas da cultura indígena e fazendo o papel de grande pajé. Temos o seu testemunho sobre isso no seu livro *Naufrágios*, publicado pela primeira vez em 1542, provavelmente sem o autor saber disso porque estava como “adelantado” no Paraguai (nova edição crítica com tradução para o inglês em 1999). Ele publicou os *Naufrágios* outra vez, junto com os *Comentários* sobre o tempo que passou no Paraguai, em 1555.

O livro de Alvar Nuñez foi, aliás, escrito pelo seu secretário Pero Hernández, como justifica num processo ante o “Consejo de Indias”, quando Alvar Nuñez foi deposto como “adelantado” dos seus súditos e mandado de volta à Espanha sob acusação. É o primeiro livro dedicado exclusivamente à Argentina e ao Paraguai a ser publicado na Europa.

O segundo livro é do soldado alemão Ulrich Schmidel (1500/10-1571), que oferece, no seu livro *Wahrhaftige Beschreibung*, escrito em cerca de 1554 e publicado pela primeira vez em 1567, um memorial histórico e impessoal sobre a conquista da região do La Plata. A primeira edição foi feita numa nova edição do *Weltbuch* de Sebastian Franck, acrescentado de vários textos modernos pelo editor Sigmund Feyerabend e publicado em Francoforte em 1567.¹

¹ Para Schmidel veja os meus trabalhos Obermeier 2002b e 2003a (com bibliografia das edições de Schmidel [p. 248-255]). A primeira edição em espanhol é de 1749, na coleção *Historiadores primitivos de las Indias occidentales*. Temos quatro manuscritos contemporâneos, um que se encontra hoje em Stuttgart (o autógrafo de Schmidel) e cópias da época em Munique, Hamburgo e Eichstätt. A melhor tradução em espanhol é de Edmundo Wernicke, publicada pela primeira vez em Santa Fé, em 1938, com o título *Derrotero y viaje a España y Indias* e baseada no manuscrito de Stuttgart, publicada em 1889 pelo Mondschein. Uma versão da segunda edição da tradução de Wernicke se encontra também na Internet (veja Bibliografia). Estou preparando uma nova edição crítica.

O terceiro livro importante é *La Argentina*, de Díaz de Guzman (1558-1629). O autor era neto do terceiro “adelantado” do Rio de la Plata, Martínez de Irala, e de uma índia guarani. Martínez de Irala é provavelmente a pessoa que também fez depor Alvar Nuñez, ao qual sucedeu como “adelantado”. O livro histórico de Díaz de Guzman, hoje denominado *La Argentina*, foi escrito em 1612 e publicado só no século XIX. Díaz de Guzman, sendo ele mesmo filho de um europeu e de uma filha mestiça do “adelantado” da região, Domingo Martínez de Irala, é o porta-voz dos mestiços do Paraguai:

*Conque de allí adelante los españoles fueron temidos y estimados de los indios [Guaranies], y al General en su opinión le tuvieron por hombre de valor, y juez que castigaba a los malos, y a los buenos premiaba y estimaba: y así le cobraron grande amor y obedecíanle como era justo; y en agradecimiento, a los capitanes y soldados daban sus hijas y hermanas para que les sirviesen, estimando en mucho tener por este medio deudos con ellos, y así les llamaban cuñados, como se ha quedado hasta ahora este lenguaje entre ellos. Tuvieron de las mujeres que les dieron los naturales a los españoles muchos hijos e hijas, a los cuales criaron en buena doctrina y policía, y Su Majestad ha sido servido de honrarlos, haciéndolos encomenderos, y ocupándolos en cargos honrosos y preeminentes en aquella provincia; y ellos le han servido con mucha fidelidad, con sus personas y haciendas, y con los otros españoles y españolas que después vinieron, y se dirá adelante: con que se ha aumentado y amplificado la real corona. Porque el día de hoy ha llegado a tanto el multiplico y procreación, que se han fundado en aquella gobernación de sola aquella ciudad, ocho colonias de pobladores, correspondiendo todas a la antigua nobleza de donde proceden: son comúnmente de gran valor y ánimo, inclinados a la guerra y a las armas, las cuales manejan con mucho acierto y destreza; en especial la escopeta ejercitan más que otras armas: y así cuando salen a sus jornadas se sustentan de la caza, la cual matan volando las aves, a bala rasa; y es en tanto exceso su destreza, que al que no mata de un tiro, aunque sea un gorrión, es reputado por mal arcabucero. (Díaz de Guzman, *La Argentina*, livro 1, cap. 18).²*

² <http://cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/45793442101059839200080/> Data: 20.01.03

Sabemos pouco da vida de Díaz de Guzman. Ele fez entradas no território dos Chiriguano³ e escreveu seu livro num tempo quando a lembrança dos primeiros descobridores já estava se perdendo. Aproveitou as relações familiares com a família de Irala através do seu pai, Riquelme de Guzman, e teve acesso aos documentos administrativos da época. Uma parte do seu livro se perdeu; temos só a história dos inícios da colonização até 1573.

Os livros espanhóis e o livro alemão de Schmidel têm em comum que o espaço não desempenha papel nenhum como percepção dos homens, mas só como pano de fundo das entradas e dos acontecimentos históricos. Os livros de viagem faziam parte, na época, do gênero da historiografia, e temos, por isso, poucas referências a uma percepção da natureza como no livro de Jean de Léry sobre a sua viagem no Brasil (*Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil* [Genebra], 1578) ou no *Diário de bordo* de Colombo. O “vazio” disso é, por assim dizer, preenchido com descrições dos índios e dos seus costumes. Schmidel certamente usa anotações de viagem e indica distâncias detalhadas entre as vários tribos. As suas descrições de índios, muito semelhantes na sua brevidade àquelas de Alvar Nuñez, são certamente inspiradas por perguntas militares dos “adelantados” ou capitães antes de uma entrada.

O espaço, se é mencionado nessas descrições, só tem uma função ligada aos índios ou às expedições dos espanhóis. Compararemos Alvar Nuñez e o seu contemporâneo Schmidel:

Os Yapirúes são, na descrição de Alvar Nuñez/Pero Hernández:

[...] una generación que se llaman yapirúes, la cual es una gente crescida, de grandes estaturas, valientes hombres guerreros y grandes corredores, y no labran ni crían: mantiénense de la caza y pesquería; son enemigos de los indios guaraníes y de los guaycurúes. (1985, p. 140).

³ *Relación de la entrada a los chiriguanos*: edición crítica de los manuscritos existentes en la Biblioteca Nacional de Paris, Santa Cruz de la Sierra, Bolivia: Fundación Cultural Ramón Darío Guthiérrez, 1979.

As mesmas categorias se encontram na descrição dos índios Guaxarapos⁴:

[...] son labradores y siembran maíz y otras raíces, y danse muchos a la pesquería y caza, porque hay mucha en grande abundancia; andan en cueros ellos y sus mujeres, excepto algunas que andan tapadas sus vergüenzas; lábranse las caras con unas púas de rayas, y los bezos y las orejas traen horadados; andan por los ríos en canoas; no caben en ellas más de dos o tres personas; son tan ligeras y ellos tan diestros, y al remo andan tan recio río abajo y río arriba, que parece que van volando [...] y hácese guerra por el río en canoas, y por la tierra, y todavía entre ellos tienen sus contrataciones, y los guaxarapos les dan canoas, y los payaguaes se las dan también, porque ellos les dan arcos y flechas cuantos han menester, y todas las otras cosas que ellos tienen de contratación, y así en tiempos son amigos y en otros tienen sus guerras y enemistades. (1985, p. 174).

Semelhante é também uma passagem sobre os índios que vivem perto do Puerto de los Reyes⁵:

Los indios de esta tierra son medianos de cuerpo, andan desnudos en cueros, y sus vergüenzas de fuera; las orejas tienen horadadas y tan grandes que por los agujeros que tienen en ellas les cabe un puño cerrado, y traen metidas por ellas unas calabazuelas medianas, y continuo van sacando aquéllas y metiendo otras mayores; y así las hacen tan grandes, que casi llegan cerca de los hombros, y por esto les llaman los otros indios comarcanos orejones, y se llaman como los ingas del Perú, que se llaman orejones. Estos cuando pelean se quitan las calabazas o rodajas que traen en las orejas, y revuélvense en ellas mismas, de manera que las encogen allí, y si no quieren hacer esto, anúdanlas atrás, debajo del colodrillo. Las mujeres de éstos no andan tapadas sus vergüenzas; vive cada uno por sí con su mujer y hijos; las mujeres tienen cargo de hilar algodón, y ellos van a sembrar sus heredades, y cuando viene la tarde, vienen a sus casas, y hallan la comida aderezada; todo lo demás no tienen cuidado de trabajar en sus casas, sino so-

⁴ Os Guajarapos eram provavelmente da família Guaicuru; veja também Schmidel, cap. 34.

⁵ Não se sabe exatamente de que tribo de índios Alvar Nuñez fala aqui, seja dos Chané (ou Chaná), índios agricultores sujeitos aos Mbaya, seja de uma tribo chamada Ortu de que sabemos só através dele e de Ulrich Schmidel (cap. 37).

lamente cuando están los maíces para coger; entonces ellas lo han de coger y acarrear a cuestras y traer a sus casas. Dende aquí comienzan estos indios a tener idolatría, y adoran ídolos que ellos hacen de madera [...]. (1985, p. 180-181).

Temos que mencionar também o capítulo de Alvar Nuñez sobre os índios Tupis do Brasil (cap. 16, 1985, p. 124-126). Esse capítulo é o primeiro documento impresso sobre os Tupis, que Alvar Nuñez conheceu durante a sua viagem da costa do Brasil até Assunção. Um pouco mais tarde no século XVI, há muitas descrições sobretudo dos Tupinambás do litoral do Brasil e a sua antropofagia.⁶ Schmidel também teve contato com os Tupis quando, no fim do seu tempo no Paraguai, viajou até São Vicente, em 1552, para pegar lá um navio para voltar à Europa.

Vamos ver, para comparar, uma descrição dos Maipais (são os Mbaya-Guaicuru) do Chaco feita por Schmidel:

Diese Maipais seind lange gerade streitbare Leuth, die alle ihre mühe und fleiß zu Kriegssachen anwenden: Deren Weiber seind schön und an der Scham bedeck, die arbeiten nichts uff dem Feldt, sondern muß der Mann allein für die Nahrung sorgen, thun auch im Hauß nichts anders dann Spinnen und Würcken von Baumwollen, auch machen sie zu essen, und ander ding, was sonst dem Mann beliebt. Wie auch nit weniger andern guten Gesellen mehr, wann sie darumb gebetten werden, denen sie wil lig unnd dienstbar sein, darvon aber allhie nit weiter zu schreiben. (1602, p. 73).

(Tradução em espanhol):

Los Mbayas son altos hombres garbosos y valerosa gente guerrera, que no hace otra cosa que estar en guerra y las mujeres son muy lindas y andan con sus partes cubiertas desde el ombligo hasta las rodillas. Estas mujeres quedan en casa y no van a las rozas, sino que el hombre debe buscar los alimentos, pues ella en la casa no hace otra cosa fuera que hilar y tejer en algodón, también hace de comer y otras cosas que de ella placen al marido y otros buenos compañeros, quien pide por ello que no es de escribir más acerca

⁶ Obermeier (1995, p. 161-168, p. 298-303), as fontes portuguesas (l. c., p. 376-386). Para as descrições do canibalismo veja Wendt (1989, Schmidel, l. c., p. 83-85), e Obermeier (2001, passim).

de esta cosa en esta vez. Quien quiere verlo, que marche hacia adentro; quien no, no quiere creerlo. (Tradução de Wernicke, cap. 44).⁷

Vemos uma coisa semelhante na obra de Díaz de Guzman: à parte alguns capítulos de descrição do país no início, o espaço não parece mais importante se não está ligado a ações dos europeus ou dos índios.

Um desses pontos de ligação espaço-índios é a descrição das migrações, ponto importante para a mitologia tupi-guarani (para a importância e o aspecto messiânico, veja Métraux 1927, Clastres 1975).

Trata-se de uma célebre migração dos Guarani com Alejo/Aleixo Garcia na região do La Plata (Métraux, 1927, p. 12). Essas migrações se encontram também entre tribos tupis do Brasil, por exemplo uma migração de índios *viata* da qual o português Cardim fala no seu *Tratado* (escrito depois de 1583):

Perto destes [Potiguaras, tribo do norte do Brasil] vivia grande multidão de gentio que chamam Viatã, destes já não há nenhuns, porque sendo eles amigos dos Potiguaras e parentes, os Portugueses os fizeram entre si inimigos, dando-lhos a comer, para que desta maneira lhes pudesse fazer guerra e tê-los por escravos, e finalmente, tendo uma grande fome, os Portugueses em vez de lhes acudir, os cativaram e mandaram barcos cheios a vender a outras capitânias: ajuntou-se a isto um clérigo português mágico, que com seus enganos os acarretou todos a Pernambuco, e assim se acabou esta nação [...]. (1997, p. 194/195).

A migração de Aleixo Garcia é bastante conhecida na primeira história argentina e bem documentada. É certamente o contato mais extenso de um europeu com índios da região de La Plata depois dos breves contatos dos primeiros descobridores e antes da expedição de Pedro de Mendoza em 1536. Díaz de Guzman escreve no seu livro *La Argentina* de 1612:

El uno de estos cuatro portugueses se llamaba Alejos García, estimado en aquella costa por hombre práctico así en la lengua de

⁷ Versão de Wernicke no Proyecto Ameghino na internet: <http://www.argiropolis.com.ar/ameghino/marco.htm> Data: 11/2/2003.

los Carios, que son los Guaranís, como de los Tupis y Tamoyos; el cual caminando por sus jornadas por el Serton adentro con los demás compañeros, vinieron a salir al río del Paraná, y de él, atravesando la tierra por pueblos de indios Guaranís, llegaron al río del Paraguay, donde siendo recibidos y agasajados de los moradores de aquella provincia, convocaron toda la comarca para que fuesen juntamente con ellos a la parte del Poniente a descubrir y reconocer aquellas tierras, de donde traían muchas ropas de estima y cosas de metal, así para el uso de la guerra, como de la paz; y como gente codiciosa e inclinada a la guerra, se movieron con facilidad a ir con ellos, y juntos más de 2000 indios hicieron jornada para el puerto que llaman de San Fernando, que es un alto promontorio que se hace sobre el río del Paraguay.

Llegadas estas compañías a la falda de la sierra del Perú, cada una de ellas curó de fortificarse en lo más áspero de ellas; y de allí comenzaron a hacer cruda guerra a los naturales comarcanos, con tanta inhumanidad que no dejaban a vida persona ninguna, teniendo por su sustento los miserables que cautivaban; conque vinieron a ser tan temidos de todas aquellas naciones, que muchos pueblos se les sujetaron sin ninguna violencia, conque vinieron a tener esclavos que les sirviesen, y muchas mujeres de quienes tuvieron generación; poblándose cada uno en la parte que mejor le pareció de aquellas fronteras, (que son los indios que hoy llamamos Chiriguano en el Perú, que, como digo, son procedidos de los Guaranís) de donde nunca más salieron, ora por la imposibilidad y gran riesgo del camino, ora por codicia de la tierra que hallaron acomodada a su condición y naturaleza, que es toda fértil, y de grandes y hermosos valles, que participan de más calor que frío, y de caudalosos ríos que salen de la provincia de los Charcas, la cual tienen por vecina.⁸

Notamos o ponto importante de que essa migração explica a presença de uma tribo tupi-guarani como os Chiriguano perto dos Andes e que Ruy Díaz de Guzman registra explicitamente que Aleixo Garcia conhecia (possuindo experiência do Brasil) as línguas tupis de lá e também o “tamoyo”, denominação usada como

⁸ Versão na internet: Edición digital a partir de Pedro de Angelis, Colección de obras y documentos relativos a la Historia Antigua y Moderna de las provincias del Río de La Plata, tomo primero, Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836. Portal: Academia Argentina de Letras; [http://cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/01477418664020612765213/](http://cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/01477418664020612765213/index.htm) index.htm; data: 28.06.02.

termo geral para línguas não-tupis da época que normalmente os europeus ignoravam.

Aleixo García não podia organizar tal expedição sem dispor de grande influência também religiosa entre os Guarani. Assim como o alemão Hans Staden (*Wahrhaftige Historia*, Marburgo, 1557, ver neste artigo infra) desempenhou o papel de pajé ou mágico durante o seu cativeiro entre os índios tupinambá para sobreviver ao canibalismo, Aleixo Garcia poderia ter utilizado o seu conhecimento das estruturas mentais dos índios para atingir seus objetivos.

Nos documentos argentinos, vemos que o espaço é ligado a uma funcionalização histórica: um acontecimento concreto como uma migração ou uma entrada dos europeus. O espaço não tem valor próprio no discurso historiográfico. Ocorre a mesma coisa quando, mais tarde, os jesuítas vão fazer os seus mapas das reduções jesuíticas no Paraguai com “inscripciones” sobre os missionários que morreram durante tentativas de evangelização. O espaço é culturalmente significativo: como o espaço sagrado das migrações indígenas na busca de uma terra sem mal, o espaço se faz um espaço sagrado onde os jesuítas lutavam pela saúde das almas.

Visão do espaço e homogeneização da cultura indígena: visão referencial ou fronteira simbólica entre cultura e barbárie

No livro de Ulrich Schmidel, podemos ver uma tendência dos documentos da época e a respeito da percepção espacial dos primeiros colonizadores. A conquista da terra era baseada em “entradas”, e os livros relatam detalhadamente essa lenta propagação da zona que os europeus conheciam. No início a conquista não foi acompanhada de uma vitória completa sobre uma certa zona; ficou centrada em lugares fortificados e até ameaçados pelos índios, como Assunção e os arredores. Isso correspondia também à estratégia militar dos espanhóis, como se pede na capitulação (“capitulación”) do “adelantado” Pedro de Mendoza; a corte espanhola tinha exigido explicitamente a construção de três forta-

lezas no seu território.⁹ Com a fundação de Assunção, os europeus tiveram um ponto fixo; essa é, aliás, a primeira fundação duradoura de uma cidade no Sul da América Latina. Os índios foram os primeiros informantes sobre zonas mais distantes e as tribos que as habitavam. No caso das amazonas das quais os europeus na região do La Plata também tiveram notícia, podemos ver também uma certa política de recusa aos europeus exteriorizada na esperteza dos índios em fixar a tribo que eles queriam alcançar como estando sempre mais distante de zonas como o Pantanal, que os espanhóis também conseguiram atingir.

A fronteira entre cultura e barbárie se encontra com uma população muito diversificada em numerosas tribos e mesmo entre as zonas consideradas já um pouco controladas pelos europeus. Para Schmidel, era mais imperativa uma diferenciação entre índios aliados (cuja crueldade para com os inimigos é também mencionada, mas útil para os europeus, como no caso dos Guarani) e índios arredios que ficam no seu estado natural de antes da descoberta ou recusam a aliança com os europeus. O espaço é definido através de estruturas de poder: são as cidades e as regiões adjacentes que a edição de Schmidel de Hulsius (em alemão, em 1599, segunda edição em 1602; em latim, em 1599) mostra num mapa como estando sob o domínio dos europeus.

Os problemas com algumas tribos alongaram-se por muito tempo. Perto da zona habitada, como nos rios importantes, ficaram índios indomáveis, como os Payagua, piratas de rios, que foram descritos como inimigos até para os autores jesuíticos do século XVII, com os mesmos estereótipos de infiéis que provêm dos primeiros contatos e se explicam com os seus comportamentos hostis. Díaz de Guzman emite um juízo negativo sobre os Payaguá em 1612: “[...] los indios Payaguás y Guarapayos, que son los más traidores e inconstantes de todo aquel río; los cuales disimulando con los españoles su dañada intención, les traían alguna comida con que los entretenían: aunque no perdían la ocasión de hacerles todo el mal que podían” (*La Argentina*, livro 1, cap. 13). Os Paya-

⁹ O texto dessa “capitulación” encontra-se em: *Colección de documentos inéditos*, tomo 22, 1874, reimpressão 1966, p. 350-360.

guá, como inimigos dentro da zona relativamente controlada pelos conquistadores, são, por assim dizer, correspondentes a tribos pouco conhecidas do exterior da zona já conquistada e também inimigos virtuais dos europeus.

Não devemos esquecer que o contato dos índios com as culturas européias também transformou suas próprias estruturas sociais, mesmo que essas tribos ainda tenham ficado independentes um certo período. Na região sul da Argentina, desenvolveu-se a cultura indígena misturada dos índios pampa, na qual todos os restos de tribos inimigas dos europeus, como os Querandi, se não eram inteiramente destruídos, se dissolveram. A zona boliviana, conquistada a partir de Assunção por Nuflo de Chaves na segunda metade do século XVI, viu o desenvolvimento dos Chiquitos, no qual também muitas pequenas tribos se misturaram e esqueceram sua língua original. Na zona do litoral brasileiro, a concentração da missão jesuítica nas culturas tupis impôs lentamente a “língua geral” como uma língua franca, o que ocorreu também em regiões não controladas pelos Tupis, como aconteceu em certas zonas da Amazônia. O jesuíta português Fernão Cardim escreve depois de 1583, no fim de uma extensa lista de todas as 66 tribos do Brasil que conhecia de nome e a respeito da maioria das quais hoje não sabemos quase nada:

Todas estas setenta e seis nações de Tapuias, que têm as mais delas diferentes línguas, são gente brava, silvestre e indômita, são contrários quase todos do gentio que vive na costa do mar, vizinho dos Portugueses; somente certo gênero de Tapuias que vivem no Rio São Francisco e outros que vivem mais perto são amigos dos Portugueses, e lhes fazem grandes agasalhos quando passam por suas terras. Destes há muitos cristãos que foram trazidos pelos Padres do sertão, e aprendendo a língua dos do mar que os Padres sabem, os batizaram e vivem muitos deles casados nas aldeias dos Padres, e lhes servem de intérpretes para remédio de tanto número de gente que se perde, e somente com estes Tapuias se pode fazer algum fruto; com os mais Tapuias, não se pode fazer conversão por serem muito andejes e terem muitas e diferentes línguas dificultosas. Somente fica um remédio, se Deus Nosso Senhor não descobrir outro, e é havendo às mãos alguns filhos seus aprenderem a língua dos do mar e servindo de intérpretes fará al-

gum fruto ainda que com grande dificuldade pelas razões acima ditas e outras muitas. (Cardim, *Tratados*, 1997, p. 206-207).

As distâncias geográficas entre zonas controladas por tribos de diferentes famílias e as zonas culturais de influência européia se homogeneizam lentamente. A partir daí funcionou o contato lingüístico imposto também pela necessidade de formar outras conglomerações de tribos para sobreviver. A dominação militar foi fraca, no início, em certas regiões do interior fora das cidades européias. Havia também tendências entre as tribos tupis de rebelar-se contra os europeus, como a célebre confederação dos Tamoiós do chefe tupinambá Quoniambebe (ou Cunhambebe), que foi eleito chefe de uma aliança de vários tribos e junto com Pindobuçú, Koakira, Araraí e Aimberê no litoral brasileiro perto do Rio de Janeiro, e combateu os europeus antes de fazer a Paz de Iperoig (1567) com eles, com a ajuda dos jesuítas. Mas essas tentativas fracassaram em pouco tempo. Pode ser que a dominação européia sobre essas tribos já fosse tão grande (mesmo a idéia de uma aliança comum entre várias tribos antes separadas o demonstra) que a derrota militar era no mesmo instante uma derrota da mentalidade européia.

Se compararmos essa visão espacial de Schmidel com a do seu contemporâneo Staden, veremos as diferenças.

O espaço no livro de Hans Staden

O alemão Hans Staden (cerca de 1525 - cerca de 1576) fez duas viagens ao Brasil entre 1548 e 1555. Na segunda viagem, foi capturado na região de São Vicente, perto de uma pequena fortaleza na ilha de Santo Amaro, na qual trabalhou como vigia de um canal que conduzia às cidades de Santos e São Vicente. Esteve prisioneiro entre os índios tupinambá, inimigos dos portugueses, por nove meses e conseguiu sobreviver à ameaça da antropofagia. Assumindo o papel de um pajé (mágico) indígena e através de pequenos milagres, ele preservou sua vida entre os índios. No final, conseguiu voltar à Europa resgatado por um navio francês. O seu livro *Wahrhafftige Historia* foi publicado em Marburgo, sua pátria,

em 1557, com um prefácio de um cientista da universidade daquele lugar, o médico Johannes Dryander, aliás Eichmann (1500-1560). A obra é composta de dois livros (partes), um livro narrativo e um segundo livro com descrições da cultura e da antropofagia tupi. As duas partes contêm uma vasta documentação etnológica, ilustrada, segundo as indicações de Staden, por xilógrafos alemães desconhecidos.

Nas ilustrações, Staden tem que manter para o seu espectador a distância entre a sua integração bastante grande na tribo e a condenação moral do canibalismo. Staden atinge esse objetivo mostrando-se nu nas ilustrações e sem proteção entre os índios. Ele até mostra o momento em que mulheres raspam as suas pestanas com uma pedra afiada, porque os índios tupinambás não tinham pêlos no corpo. Ao mesmo tempo, Staden descreve sua história pelo narrador como uma tomada de consciência moral que o encaminhou a uma religiosidade mais profunda, na qual demonstra ter confiado na proteção de Deus. As ilustrações ressaltam também esse aspecto: mostram Staden rezando de joelhos frente a uma cruz de madeira e mostram também as punições divinas aos índios com furacões e chuva quando eles destroem sua cruz. Outro momento importante é aquele em que a reza de Staden faz cessar uma chuva, possibilitando as plantações de mandioca, que eram vitais para os índios. Uma vez Staden consegue, com a ajuda de Deus, fazer com que os índios tenham uma pesca abundante. Staden, que provavelmente também fez as ilustrações ou pelo menos os desenhos nos quais elas se baseiam, mostra as aldeias indígenas com muitos detalhes durante o relato sobre seu cativeiro. As aldeias ou cidades dos europeus como Bertioiga ou São Vicente são mencionadas apenas como lugares nas ilustrações com contornos de cartas para situar os acontecimentos. Essa visão do espaço tem, além da informação geográfica, uma grande importância para o leitor porque cria um espaço no mesmo momento real¹⁰

¹⁰As formas das ilhas são reconhecíveis e autênticas, como na ilustração da Ilha de Santa Catarina, no capítulo IX, ou em muitas outras ilustrações, sobretudo de São Vicente e da ilha de Santo Amaro; às vezes só os xilógrafos trocam as direções na cópia dos originais, como no capítulo XII.

e sagrado pois contém as figuras de Staden rezando e dos índios que ameaçam a sua sobrevivência com rituais antropofágicos. Staden está na maioria das vezes copiando o velho modo de projetar figuras em linhas costais de cartas, um procedimento usual nos livros de viagem, que, no início, copiavam muitas vezes as cartas ilustradas da época com figuras ou animais (veja Obermeier 2000a, 15-18). Durante o tempo do cativo de Staden, são os europeus que, com os seus barcos, chegam às baías como possíveis salvadores. As ilustrações de Staden usam uma idéia do espaço real semelhante à das descrições dos livros argentinos: ligam o espaço a uma funcionalização e transformam-no numa visão mental do sagrado, neste caso o cativo de Staden, que escapa são e salvo com uma confiança absoluta na ajuda de Deus e uma fé mais profunda.

Os Tratados dos portugueses

Para os documentos portugueses da época, o procedimento era, por assim dizer, baseado sobre um discurso de distância: o livro do colonizador Soares de Sousa se refere à zona dominada pelos europeus com a visão da Bahia cheia de belezas e define todas as outras zonas do litoral medindo-as com a norma bahiana de cultura e aculturação.

A diferença entre litoral civilizado e interior de índios bárbaros (cobiçado por suas riquezas como as minas) está presente em todas as avaliações. A Bahia com os seus engenhos de açúcar representa o mundo da colônia que é o ideal da cultura européia. Esse mundo só é ameaçado por pequenos inimigos, que se constituem em detalhes para não dar uma impressão idealista demais. No capítulo onde trata da “diversidade e estranheza das aranhas e dos lacraus” (CXVIII, 1989, p. 189-190), Soares de Sousa escreve:

Não são para lembrar as imundícies de que até aqui tratamos porque são pouco danosas e ao que se pode atalhar com alguns remédios, mas a praga das formigas não se pode compadecer porque se elas não foram, a Baía se pudera chamar outra terra de promessa, das quais começaremos a dizer daqui por diante. (Notícia do Brasil, 1989, p. 190).

À cidade e ao clima são atribuídas imagens positivas: as “mais formosas mostras de nuvens de mil cores e grande resplendor” (p. 80), “uma formosa rua de mercadores à Sé” (p. 81), “a igreja é de três naves, de majestosa grandeza” (p. 81), “um sumptuoso colégio dos padres da Companhia” (p. 82), “grandes desembarcadouros” vão a “uma fresca ermida de Nossa Senhora da Conceição” (p. 84). A outra ameaça é o perigo dos franceses ou da fraca defesa militar das colônias das quais Soares de Sousa fala em seguida. Essa descrição positiva é também um modo que Soares de Sousa encontra de ressaltar o “desamparo” em relação à defesa da cidade no próximo capítulo (XVI, p. 85-86).

Soares de Souza escreveu o seu livro em 1587, durante um tempo em que a corte de Espanha era soberana sobre Portugal e suas colônias, para dirigir o interesse da corte à colônia, um tanto esquecida, e aos colonizadores que precisavam de ajuda material. Ele queria dizer à corte espanhola, pouco interessada nas colônias brasileiras, que ela tinha um paraíso promissor que se devia defender. Ele mesmo queria pessoalmente adquirir direitos de explorar minas recentemente descobertas no sertão por seu irmão falecido numa entrada ao sertão (haveria, mais tarde, de morrer numa entrada lá). Além disso, Soares de Souza queria criticar a obra dos jesuítas no Brasil, que estavam em conflito contínuo com os interesses dos colonizadores, dos quais ele se fez o porta-voz. Soares de Souza critica a ação da Companhia de Jesus num manuscrito seu entregue às autoridades com o livro em nome dos seus compatriotas baianos. Esses chamados “Capítulos”¹¹ contêm uma longa lista de acusações contra os jesuítas, tendo sido conservados no Arquivo da Companhia de Jesus em Roma pelo fato de que os jesuítas brasileiros (entre os quais estava Cardim) se esforçaram para replicar, provavelmente a pedido da corte, a cada acusação e refutar todos os pontos detalhadamente. O conflito de base era que os colonizadores precisavam de trabalhadores indígenas e pouco cuidavam da instrução religiosa deles. Os jesuítas preferi-

¹¹Serafim LEITE, Os “Capítulos” de Gabriel Soares de Sousa, 1947. O original com a refutação dos jesuítas está no Arquivo jesuítico de Roma (Brasília 15, 383-384); veja *ibid.*, p. 220, nota 2.

ram um aldeamento dos índios ou ao menos uma instrução religiosa contínua e pediram leis de proteção aos índios que despertaram a resistência dos colonizadores.

A descrição dos índios nos últimos capítulos dos *Tratados* de Soares de Sousa contém uma crítica de conteúdo moral: “Os tupinambás [...] são muito belicosos e em sua maneira esforçados e para muito, ainda que atraíçoados; são muito amigos de novidades e demasiadamente lisonjeiros e grandes caçadores, pescadores e amigos de lavouras.” (p. 216).

A descrição dos seus costumes é bastante neutra. Os seus adornos de pedra nos beijos são, porém, descritos como “bizarros” (p. 222). Sua vida sexual é “luxuriante” (p. 223), e eles são hábeis quando se trata de pescar com flechas (p. 227). Os feitiçeiros dizem “mentiras” (p. 228) e podem fazer morrer os índios a quem auguram a morte.

Podemos comparar essa estratégia de descrição com a obra de Magalhães de Gândavo publicada em 1576. Gândavo era um humanista, amigo de Camões, que escreveu dois poemas de dedicação à sua *História da Província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*, Lisboa, 1576. Magalhães de Gândavo é também autor de um livro sobre a ortografia portuguesa (*Regras que ensinam a maneira de escrever*, Lisboa, 1574). Não sabemos por que motivo, quando e quanto tempo ele esteve no Brasil, talvez tenha sido degredado por causa de relações escandalosas com uma mulher.¹² O fato é que, depois da sua volta, queria relatar aos seus contemporâneos algo sobre esse país que em Portugal era ainda quase desconhecido. Escreveu um *Tratado* em cerca de 1569, de que temos várias versões manuscritas, e publicou em 1576 sua *História da Província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil em Lisboa*, o primeiro livro português publicado sobre a colônia brasileira. Antes vamos analisar um pouco o *Tratado* manuscrito dele.

¹²Na dedicação da *História*, ele fala que escreve “como testemunha de vista” (1995, p. 45); num manuscrito do *Tratado* dedicado à rainha Dona Catarina, que hoje está na Coleção Sloaniana da *Biblioteca Britânica*, fala de uma permanência de vários anos: “onde alguns annos me achei e colligi esta breve informação” (citado em 1995, p. XI, também na edição *Tratado da Província do Brasil*, de Emmanuel Pereira, Rio, 1965, p. 55v).

O *Tratado* já mostra o Brasil como terra de promessa, que tem “fertilidade e abundância” (p. 3): “se estes índios não foram tão fugitivos e mudáveis, não tivera comparação a riqueza do Brasil” (p. 15), “de muita caça há no Brasil muita abundância” (p. 21), “nunca está o Brasil sem frutas” (p. 23); fazendo mesmo referência a estereótipos da Idade Média, o Brasil é quase uma fonte da juventude: “os velhos têm melhor disposição e parecem que tornam a renovar” (p. 18).

Há, porém, diferenças espaciais entre a zona do litoral e o interior. A costa do mar já é quase despovoada de índios:

Havia muitos destes índios pela Costa junto das Capitânicas, tudo enfim estava cheio deles quando começaram os portugueses a povoar a terra; mas porque os mesmos índios se levantaram contra eles e faziam-lhes muitas traições, os governadores e capitães da terra destruíram-nos pouco a pouco e mataram muitos delles, outros fugiram para o Sertão, e assim ficou a costa despovoada de gentio ao longo das Capitânicas. Junto delas ficaram alguns índios destes nas aldeias que são de paz, e amigos dos portugueses. (Tratado, cap. 7, p. 24).

O sertão aqui parece como uma terra onde os índios podiam ficar em retiro. O juízo sobre os índios culmina numa visão nominalista que seria repetida muitas vezes nos documentos portugueses da época:

A língua deste gentio toda pela costa é uma: carece de três letras – scilicet, não se acha nela F, nem L, nem R, coisa digna de espanto, porque assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei; e desta maneira vivem sem Justiça e desordenadamente. (Tratado, p. 24).

Essa imagem era tão popular porque correspondia a uma tendência da época de não fazer descrições neutras, mas de integrar em todo assunto uma avaliação moral. A filosofia da época, ainda bem encravada na Idade Média, afirma que a ausência de certos sons e idéias (como se o português fosse a única língua em que se exprimiam esses conceitos culturais, quase idéias platônicas universais!) correspondia à ausência das coisas denominadas como noções que iniciam com a mesma letra. Notamos, aliás, que

as línguas e tribos não tupis quase não existem mais, como em outra passagem análoga da *História*:

A língua de que usam, toda pela costa, é uma: ainda que em certos vocábulos difere n'algumas partes; mas não de maneira que se deixem uns aos outros de entender: e isto até altura de vinte e sete graus, que daí por diante há outra gentildade, de que nós não temos tanta notícia, que falam já outra língua diferente. Esta de que trato, que é geral pela costa, é muito branda, e a qualquer nação fácil de tomar. Alguns vocábulos ha nela de que não usam senão as fêmeas, e outros que não servem senão para os machos: carece de três letras, convém a saber, nem se acha nela F, nem L, nem R, coisa digna de espanto porque assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei, e desta maneira vivem desordenadamente sem terem além disto conta, nem peso, nem medida. (História, p. 100).

Com Ulrich Schmidel, que reconheceu a semelhança do tupi com o guarani do Paraguai durante a sua viagem de volta à Europa através do Brasil, Magalhães de Gândavo já sabia diferenciar variantes dialetais. Schmidel escreveu: “[Die Tupi] haben ein gleiche Sprache mit den Cariós [Guarani] und ist gar eine kleine differenz darzwischen” (ed. Hulsius, 1602, facsímile de 1962, p. 95); tradução em espanhol: “Estos Tupís habían un idioma igual al de los Cariós; hay una pequeña diferencia entre ambos en cuanto a la lengua” (tradução de Wernicke; versão na internet, veja bibliografia).

O juízo final de Gândavo sobre os índios é evidente:

Finalmente que são estes índios muito desumanos e cruéis, não se movem a nenhuma piedade: vivem como brutos animais sem ordem nem concerto de homens, são muito desonestos e dados à sensualidade e entregam-se aos vícios como se neles não houvera razão de humanos, ainda que todavia sempre têm resguardado os machos e as fêmeas em seu ajuntamento, e mostram-se ter nisto alguma vergonha. (Tratado, p. 28).

52

A avaliação se baseia novamente nos critérios europeus: crueldade, sensualidade, pouca razão, mas para manter o dogma cristão da vergonha dos homens depois do pecado original e também para diferenciar a visão de alguns livros de viagens anteriores que afirmam existir o ato sexual em público, o que Gândavo des-

mente. O juízo fica negativo sem as diferenciações que vemos na obra de Léry e de Montaigne (Essai, livro I, capítulo 31, Des canibales, 1580), porém o lento desenvolvimento das culturas indígenas, como na propagação da língua geral, já é notado.

A *História* do mesmo autor não tem outra intenção do que o *Tratado*, sendo talvez um pouco mais explícita no seu caráter de publicidade para a colônia. Os atributos da terra são tão positivos quanto na obra de Soares de Sousa: “Esta província é à vista muito deliciosa e fresca em grande maneira” (p. 54), “a mais aprazível e formosa que se oferece à vista humana é a grande variedade das finas e alegres cores das muitas aves” (p. 83), a nutrição é de “saboroso e sadio pescado” (p. 89). O Brasil é novamente a terra do devaneio das riquezas: no capítulo XIV ele escreve: “Esta Província de Santa Cruz, além de ser tão fértil como digo, e abastada de todos os mantimentos necessários para a vida do homem, é certo ser também muito rica, e haver nela muito ouro e pedraria, de que se tem grandes esperanças” (p. 125). A busca de minas no sertão promete não só um ganho de dinheiro, mas também a salvação de almas:

Finalmente que como Deus tenha de muito longe esta terra dedicada à Christandade e o interesse seja o que mais leva os homens trás si que outra nenhuma cousa que haja na vida, parece manifesto querer intretê-los na terra com esta riqueza do mar até chegarem a descobrir aquellas grandes minas que a mesma terra promete, para que assim desta maneira tragam ainda toda aquela cega e bárbara gente que habita nestas partes, ao lume e conhecimento da nossa Santa Fé Catholica, que será descobrir-lhe outras maiores no céu, o qual nosso Senhor permita que assim seja para glória sua e salvação de tantas almas. (História, p. 93).

A alusão à missão é tradicional na época. São mais interessantes as possíveis riquezas do país. Um pouco mais tarde, os portugueses vão encontrar de fato, na zona de Minas Gerais, minas de ouro que vão transformar a vida da colônia, baseada até aquela época no comércio de pau-brasil e na produção de açúcar.

O ponto mais crítico para Gândavo é, como sempre, o canibalismo. No capítulo XII, ele escreve: “Uma das coisas em que estes índios mais repugnam o ser da natureza humana, e em que totalmente parece que se extremam dos outros homens, é nas

grandes e excessivas crueldades que executam em qualquer pessoa que podem haver às mãos, como não seja de seu rebanho” (*História*, p. 113).

O livro de Gândavo certamente foi publicado para fazer um pouco de publicidade para novos colonizadores. No Prólogo ao leitor, ele escreve: “Todos aqueles que nestes Reinos vivem em pobreza não duvidem escolhê-la [a colônia do Brasil] para seu amparo: porque a mesma terra é tal, e tão favorável aos que a vão buscar, que a todos agasalha e convida com remédio por pobres e desamparados que sejam” (p. 47; idéia análoga já no *Tratado*, Prólogo 3). Essa publicidade permite, porém, uma visão diferenciada que leva em conta o desenvolvimento das culturas européia e indígena no Brasil.

Quanto à visão do espaço, temos o mesmo procedimento como nos outros livros da época. Mesmo sendo uma descrição real do espaço, o autor muito cedo transforma esse espaço real num conceito mental da riqueza da parte civilizada, descrita com os *topoi* literários da época ou da zona do interior, dos índios arreduados condenados na sua falta de religião e na sua antropofagia, mas vivendo num território cobiçado pela sua riqueza.

Conclusão

O tema da percepção/visão do espaço nos documentos mostra, como numa lente, um dos problemas da análise dos documentos de viagem ou primeiros documentos históricos sobre a descoberta da América: mesmo a parte referencial (nesse caso, a descrição geográfica concreta do espaço) dos documentos não pode ser vista ou reconstruída sem levar em conta a visão epistemológica que integra o novo país e os seus índios num sistema de referências culturais. As pessoas de menos formação como o soldado alemão Ulrich Schmidel têm talvez a descrição mais neutra do espaço, baseando-se em distâncias geográficas entre tribos. Os outros autores mais cultos muito cedo transformam o espaço num conceito mental. O ponto de encontro desses níveis referenciais e epistemológicos se encontra na construção de um terceiro espaço (abstrato e também tendo em conta o espaço real como temos

analisado nesse trabalho), na terminologia de Bhabha. No primeiro tempo, esse espaço mental e fictício parece ter mais importância para os leitores dos documentos que a descrição real, apesar do fato de que muito cedo os geógrafos começaram a usar os livros de viagem como documentos sobre a geografia dos países.¹³ Esse terceiro espaço serve para uma integração dos novos países e povos numa visão européia e tem que ser reconstruído hoje na análise para permitir uma compreensão dos textos da época.

Bibliografia

Fontes

CARDIM, Fernão. *Tratados*. Transcrição do texto, introdução e notas por Ana Maria de Azevedo. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1997.

COLECCIÓN de documentos inéditos relativos al descubrimiento, conquista y colonización de las posesiones españolas en América y Oceanía, sacados, en su mayor parte, del Real Archivo de Indias, bajo la dir. de Joaquín F. Pacheco. Repr. da ed. Madrid 1864-1884. Vaduz: Kraus, 1964-1966. (Colección de documentos inéditos del Archivo de Indias, 1-42).

COLOMBO, Cristophoro (1497). *Eyn schön hübsch lesen von etlichen inßeln [...]*. Straßburg: Bartolomeus Küstler.

_____. (1493/94). De Insulis nuper in mari Indico repertis. In: VERARDUS, Carlo. *Historia Baetica*. Basel: Bergmann von Olpe. [veja também Dati].

DATI, Giuliano (1493). *La lettera dell isole che ha trovate novamente il Re di Spagna*. Firenze: [L. de' Morgiani & J. Petri].

DÍAZ DE GUZMÁN, Ruy (1836). *Historia argentina del descubrimiento, población y conquista de las provincias del Río de la Plata, escrita por Ruy Díaz de Guzmán, en el año de 1612*. Edição digital a partir de Pedro de Angelis, Colección de obras y documentos relativos a la Historia Antigua y Moderna de las provincias del Río de La Plata. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836. t. I. Portal: Academia Argentina de Letras; versão na internet: <http://cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/01477418664020612765213/index.htm>; data: 28.06.02.

¹³ A obra de Schmidel e os nomes dos lugares que ele escreve ter visitado durante a sua viagem até a costa do Brasil influenciam, por exemplo, os mapas de Hondius (1606, 1638) e são copiados mais tarde por Wilhelm Jansenius Blaeu e Johannes Blaeu, entre 1599 e 1640; veja Maack (1959, p. 52-53 e 56-60), que tenta (certamente em vão) reconstruir o caminho detalhado usado por Schmidel de Assunção a São Vicente.

_____. *Relación de la entrada a los chiriguano*s. Edición crítica de los manuscritos existentes en la Biblioteca Nacional de Paris, ed. de Hernando Sanabria Fernández. Santa Cruz de la Sierra, Bolivia: Fundación Cultural Ramón Darío Guthiérrez, 1979.

FRANCK, Sebastian (1567). *Weltbuch, von Newen erfundnen Landtschafft*em. Franckfurt am Mayn: Feirabend und Hüter. 2 t.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães [1576]. [*Historia da provincia sancta Cruz*, Lisboa, 1576. Em inglês: *The histories of Brazil*, now translated into English for the first time and annotated by John B. Stetson, Jr., with a facsimile of the Portuguese original [1576]. New York, 1922. Reimpressão: New York: Kraus, 1969. Pero de Magalhães Gândavo – Tratado da Terra do Brasil. (Documents and narratives concerning the discovery and conquest of Latin America, 5).

Versão na internet da nova edição: *História da Província Santa Cruz*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980. <http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/ganda2.html>, data: 5/6/2003.

_____. *Tratado da provincia do Brasil*. Edição preparada pelo Professor Emmanuel Pereira Filho, com reprodução fac-similar do ms. n. 2026 da Bibl. Sloaniana do Museu Britânico. Rio de Janeiro: Inst. Nacional do Livro, 1965. (Dicionário da língua portuguesa: Textos e vocabulários, 5).

_____. *Tratado da terra & História do Brasil*. 5. ed. Ed. conjunta. Organização e apresentação de Leonardo Dantas Silva. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 1995. (Descobrimientos, 5).

LÉRY, Jean de. *Histoire d'un voyage faict en la terre du Bresil*. [Genebra] 1578. Versão na internet da primeira edição de 1578: <http://gallica.bnf.fr/scripts/Consultation-Tout.exe?O=N052545>, também se encontram na coleção Gallica as edições de 1585, 1594, 1611.

_____. *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*. Facsimile. Editores: Jean Claude Morisot y Louis Necker. Genève: Droz, 1975 [21580].

NUÑEZ CABEZA DE VACA, Alvar. *La relacion y comentarios* (scriptos por Pero Hernandez) del governador A. Nuñez Cabeza de Vaca, de lo acaescido en las dos jornadas que hizo a las Índias. Valladolid: F. Fernandez de Cordova, 1555.

_____. *Relación de los naufragios y comentarios* [Naufragios 1542/1555, Comentarios 1555]. Madrid: Suárez, 1906. 2 t. (Colección de libros y documentos referentes a la historia de América, 5 e 6).

_____. *Naufragios y comentarios*. 7. ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1985. (Colección Austral).

_____. *Álvar Núñez Cabeza de Vaca: his account, his life and the expedition of Pánfilo de Narváez*. Ed. de Rolena Adorno e Patrick Charles Pautz. Lincoln/London: University of Nebraska, 1999. 3 t.

SIEVERNICH, Gereon (Ed.). *America, de Bry, 1590-1624: Amerika oder die Neue Welt: Die "Entdeckung" eines neuen Kontinents in 346 Kupferstichen*. I: Bry, Reisen in das östliche und westliche Indien in zwei Teilen; t. I: Reisen in das westliche Indien

(America). Berlin: Casablanca, 1990. (Materialien zur Geschichte der europäischen Expansion).

SCHMIDEL [Schmidl], Ulrich [1567]. *Neuwe Welt, das ist, Warhafftige Beschreibung aller schönen Historien von Erfindung viler unbekanten Königreichen*. Frankfurt/M.: Lechler per Sigmund Feyerabend. Edição paralela no segundo tomo de Sebastian Franck, *Weltbuch*, Frankfurt/M.: Lechler per Sigmund Feyerabend, 1567.

_____. [1597]. *Warhafftige unnd liebliche Beschreibung etlicher fünffemmen Indianischen Landschaften und Insulen [...] an Tag gebracht durch Dieterich von Bry*. Frankfurt/M.: Theodor de Bry. [= America, alemão, tomo 7].

_____. [1599]. *Vera historia admirandae cuiusdam navigationis, quam Huldericus Schmidel. Straubingensis, ab Anno 1534. usque ad anum 1554. in Americam vel novum Mundum, iuxta Brasiliam & Rio della Plata, confecit*. Nürnberg: [C. Lochner per] Levinus Hulsius.

_____. [1599]. *Warhafftige Historien einer wunderbaren Schifffart [...] von 1534 bis 1554 in Americam oder Newenwelt, bey Brasilia und Rio della Plata gethan*. Nürnberg: C. Lochner per Levin Hulsius.

_____. [1749]. *Historia y descubrimiento de el Rio de la Plata y Paraguay*. In: *Historiadores primitivos de las Indias occidentales*, que juntó, trad. en parte y sacó á luz, ilustrados con eruditas notas y copiosos índices Andrés González Barcía (= Andrés González de Barcía Carballido), sección 3, 1749, tomo [2]. *Historia y descubrimiento de el Río de la Plata, y Paraguay*. p. 1-31.

_____. [1893]. *Ulrich Schmidels Reise nach Südamerika in den Jahren 1534 bis 1554*. Nach der Stuttgarter Handschrift hrsg. von Johannes Mondschein (Programm Straubing, Königliche Realschule, 1892/93). Straubing: Attenkofer.

_____. [1938]. *Derrotero y viaje a España y las Indias*, por Ulrico Schmidl. Trad. y comentado por Edmundo Wernicke, Prólogo de Josué Gollan. Santa Fe: Inst. Social, Univ. Nacional del Litoral, 1938; versão de Wernicke (2.^a edição [1942]) no Proyecto Ameghino na internet: <http://www.argiropolis.com.ar/ameghino/marco.htm> Data: 11/2/2003.

_____. [1602]. *Warhafftige Historien einer wunderbaren Schifffart*, Nürnberg: Levinus Hulsius, 1962. 2. edição 1602, facsimile. Graz: Adeva.

SOUSA, Gabriel Soares de. *Notícia do Brasil*. Lisboa: Publicações Alfa, 1989. (Biblioteca da expansão portuguesa, 11).

STADEN, Hans. *Historia und Beschreibung einer Landschaft der wilden, nackten, grimigen Menschenfresser, in der Neuen Welt Amerika gelegen*. [Andreas Kolbe] Marburg, 1557. Versão na internet, Bibl. Universitária de Göttingen: http://134.76.163.65:80/agora_docs/65574TABLE_OF_CONTENTS.html

_____. [1592]. *America tertia pars memorabilem provinciae Brasiliae historiam continens [...]*. Veja [America, latim]. t. 3.

_____. *Hans Stadens wahrhaftige Historia*. Edição de R. Maack e K. Fouquet. Marburg: Trautvetter und Fischer, 1964.

_____ [1557]. *Wahrhaftige Historia und Beschreibung einer Landschaft der wilden, nackten, grimmigen Menschenfresser, in der Neuen Welt Amerika gelegen [...]*. [Andreas Kolbe], getruckt zu Marburg, im jar M. D. LVII, faksimile. Editor: G. Bezzenberger. Kassel: Thiele und Schwarz, 1978.

THEVET, André [1557/1558]. *Les Singularitez de la France antarctique*. Paris: Ambroise de La Porte.

_____ [1575]. *Cosmographie universelle*. Paris: Guillaume Chaudiere. 2 t.

_____ [1953]. *Les Français en Amérique pendant la deuxième moitié du XVI^e siècle: Le Brésil et les Brésiliens* par A. Thevet. Editora: Suzanne Lussagnet. (Pays d'outre mer. Deuxième série, Les classiques de la colonisation, 2). Introduction par Ch. A. Julien. Paris: PUF.

_____ [1558]. *Les singularités de la France antarctique*, facsimilé de l'édition de 1558. Ed. por Pierre Gasnault; Introdução de Jean Baudry. Paris: Le Temps, 1982.

_____. *Le Brésil d'André Thevet: Les singularités de la France Antarctique (1557)*. Edition intégrale, présentée & annotée par Frank Lestringant. Paris: Chandeigne, 1997.

Estudos

ALDEN, John et al. *European Americana: A chronological guide to works printed in Europe relating to the Americas, 1493-1776*. New York: Readex, 1980-1997. 6 t.

BHABHA, Homi K. *The location of culture*. London: Routledge 1994. trad. alemã: *Die Verortung der Kultur*. Tübingen: Stauffenburg, 2000.

CHIAPPELLI, Fred (Ed.). *First images of America: the impact of the New World on the Old*. Berkeley-Los Angeles: University of California, 1976. 2 t.

CLASTRES, Hélène. *La terre sans mal: le prophétisme tupi-guarani*. Paris: Seuil, 1975.

COLIN, Susi. *Das Bild des Indianers im 16. Jahrhundert*. Idstein: Schulz-Kirchner, 1988. (Wissenschaftliche Schriften im Wissenschaftlichen Verlag Dr. Schulz-Kirchner, 102).

CUNHA, Manuela Carneiro da (Ed.). *História dos índios no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo; Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura, Prefeitura do Município de São Paulo, 1998.

DUVIOLS, Jean-Paul. *L'Amérique espagnole vue et revê: les livres de voyage de Christophe Colomb à Bougainville*. Paris: Promodis, 1986.

FOUCAULT, Michel. *Les mots et les choses*. Paris: Gallimard, 1966.

FRÜBIS, Hildegard. *Die Wirklichkeit des Fremden: Die Darstellung der Neuen Welt im 16. Jahrhundert*. Berlin: Reimer, 1995.

- HONOUR, Hugh (Ed.). *L'Amérique vue par l'Europe*. Exposição Grand Palais, 17.09.76-03.01.77. Secrétariat d'Etat à la Culture. Paris: Editions des Musées Nationaux, 1976. [ed. em inglês: *The European vision of America*].
- HONOUR, Hugh. *The new Golden Land: European images of America from the discoveries to the present time*. New York: Pantheon, 1975.
- LA IMAGEN DEL INDIO en la Europa moderna (1990). Editado por el Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Fundación Europea de la Ciencia. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos, 1990.
- KOHL, Karl-Heinz (Ed.). *Mythen der Neuen Welt: Zur Entdeckungsgeschichte Lateinamerikas*. Berlin: Frölich und Kaufmann, 1982. [Berliner Festspiele, Horizonte].
- KÜGELGEN-KROPFINGER, Helga von. El indio: bárbaro y/o buen salvaje?. In: CONSEJO SUPERIOR DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS (Ed.). *La imagen del indio en la Europa moderna*. Sevilla, 1990. p. 457-487.
- LEITE, Serafim. Os "Capítulos" de Gabriel Soares de Sousa. *Ethnos*, Lisboa, 2, p. 217-248, 1947.
- LEVENE, Ricardo. *Historia de la nación argentina: (desde los orígenes hasta la organización definitiva en 1862*. Dir. general, Academia Nacional de la Historia. 17 tomos en 12 volúmenes. Buenos Aires: El Ateneo, 1961-1963.
- LUSSAGNET, Suzanne (Ed.). Veja fontes: Thevet, André. 1953. *Les Français en Amérique pendant la deuxième moitié du XVI^e siècle [...]*.
- MAACK, Reinhard. *Sobre o itinerário de Ulrich Schmidel através do sul do Brasil: (1552-1553): uma pesquisa histórico-geográfica*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1959. Texto em português e alemão. (Boletim da Universidade Federal do Paraná / Geografia física, 1).
- MÉTRAUX, Alfred. *La religion des Tupinamba et ses rapports avec celle des autres tribus tupi-guarani*. Paris: Leroux, 1928a. (Bibliothèque de l'Ecole des Hautes Etudes, Sciences religieuses, 45).
- _____. *La Civilisation matérielle des tribus Tupi-Guarani*. Paris: Geuthner, 1928b.
- _____. Les migrations historiques des Tupi-guarani. *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, nouvelle série, p. 1-45, 1927.
- _____. The Tupinamba. In: STEWARD, J. H. (Ed.). *Handbook of South American Indians*: tomo 3: The tropical forest tribes. New York: Smithsonian Institution, 1963. p. 45-133.
- _____. *Religión y magias indígenas de America del Sur*. Edición postuma establecida por Simone Dreyfus, traducción del francés por Miguel Rivera Dorado. Madrid: Aguilar, 1973.
- NEUBER, Wolfgang. *Fremde Welt im europäischen Horizont: Zur Topik der deutschen Amerika-Reiseberichte der Frühen Neuzeit*. Berlin: Schmidt, 1991. (Philologische Studien und Quellen, 121).

_____. Amerika in deutschen Reiseberichten des 16. und 17. Jahrhunderts. In: SIEBENMANN, Gustav; KÖNIG, Hans-Joachim (Eds.). *Das Bild Lateinamerikas im deutschen Sprachraum: Ein Arbeitsgespräch an der Herzog August Bibliothek Wolfenbüttel*, 15.-17.03.89. Tübingen: Niemeyer, 1992. p. 37-54. (Beihefte zur Iberoromania, 8).

OBERMEIER, Franz. *Französische Brasilienreiseberichte im 17. Jahrhundert: Claude d'Abbeville: Histoire de la mission; Yves d'Evreux: Suite de l'histoire*. Bonn: Romanist, 1995.

_____. Katechismen in der "língua geral" der brasilianischen Tupiindianer und ihre Überlieferung in zeitgenössischen französischen und portugiesischen Dokumenten des 16. und 17. Jahrhunderts. *Bibliotheksforum Bayern*, n. 1, p. 48-69, 1998.

_____. Die Rezeption von Hans Stadens "Wahrhaftige Historia" und ihrer Ikonographie. *Jahrbuch Institut Martius-Staden*, São Paulo, p. 133-151, 1999/2000.

_____. *Brasilien in Illustrationen des 16. Jahrhunderts*. Frankfurt am Main: Vervuert, 2000a. (Americana Eystettensia Ser. B, Monographien, Studien, Essays, 11).

_____. Hans Stadens Wahrhaftige Historia 1557. *Brasilien-Dialog*, Institut für Brasilienkunde, Mettingen, n. 3/4, p. 92-110, 2000b.

_____. Bilder von Kannibalen, Kannibalismus im Bild, Brasilianische Indios in Bildern und Texten des 16. Jahrhunderts. *Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas*, p. 49-72, 2001.

_____. Die frühen Einblattdrucke zu Brasilien und die Herausbildung transnationaler Kommunikationsverbindungen im Pressewesen. *Brasilien-Dialog*, Institut für Brasilienkunde, Mettingen, n. 1/2, p. 43-71, 2002a.

_____. Ulrich Schmidels *Wahrhaftige Beschreibung* (publiziert 1567) im Kontext der deutschen Südamerikalliteratur der Zeit. *Jahrbuch Institut Martius-Staden*, São Paulo, p. 51-89, 2001/2002 [2002b].

_____. Hans Stadens Wahrhaftige Historia 1557 und die Literatur der Zeit. *Wolfenbütteler Notizen zur Buchgeschichte*, n. 2, p. 43-80, 2002c.

_____. Die Rezeptionsgeschichte von Ulrich Schmidels *Wahrhaftige Beschreibung* von 1567 bis heute. *Jahresbericht des Historischen Vereins für Straubing und Umgebung*, Straubing: Attenkofer, 2003a. p. 213-255.

_____. La construcción de identidad en documentos iconográficos de América (siglos XVI/XVII) y su recepción por los modernistas brasileños. In: *Anais do Congresso de Romanistas de Munique*, 2001, ainda não publicado [2003b].

60 _____ . *Documentos inéditos para a história do Maranhão e do Nordeste na obra do capuchinho francês Yves d'Evreux Suite de l'histoire* (1615). Fará parte das publicações do Museu Goeldi, Belém, ainda não publicado [2003c].

_____. Jesuiten, Franziskaner, Meeresungeheuer und indianischer Mythos: Die Anfänge der brasilianischen Naturkunde. *Brasilien-Dialog*, Institut für Brasilienkunde, Mettingen, n. 3/4, p. 97-119, 2002/2003 [2003d].

_____. Transposições e inter-relações de gêneros na iconografia do século dos descobrimentos. *Lusorama*, outubro 2003, ainda não publicado [2003e].

SABIN, Joseph. *Bibliotheca Americana: A dictionary of books relating to America from its discovery to the present time*. New York: Sabin, 1869-92. 29 tomos. Nova edição: Amsterdam: Israel, 1961.

WENDT, Astrid. *Kannibalismus in Brasilien: Eine Analyse europäischer Reiseberichte und Amerika-Darstellungen für die Zeit zwischen 1500 und 1654*. Frankfurt/M.: Lang, 1989. (Europäische Hochschulschriften, Reihe „Ethnologie et anthropologie sociale“, XV).

sobre o Guaraní "reduzido"*

Maria Cristina dos Santos**

Abstract

The article presents the divergence and convergence between the discourses worked out to convert the Guaraní and those about the Guaraní already converted. Based on examples selected from texts produced at the beginning of the flight project and those written right after their expulsion, it not only discusses the image of the Guaraní in the circumstances of success and failure of the Reduction project, but also offers some possibilities of interpretation of this process.

Key words: Discourse model; Colonial Guaraní; 16-17th century.

* Apresentação apresentada na Mesa Redonda: Escrituras e Leituras sobre o Projeto de Povoadimento, II Jornada Interdisciplinar sobre os Índios Jesuítas, São Paulo, 23 e 24 de outubro de 2002.

** Bolsista pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em História da UFPA. E-mail: mcristina@ufpa.br